

Lessa: Plano precisa de proposta de crescimento

01 JUN 1990

8-9-88

O economista Carlos Lessa afirmou ontem que o Governo precisa traçar uma estratégia de crescimento econômico. Para Lessa, o programa de estabilização da economia adotado deveria ter sido acompanhado de uma proposta de crescimento, porque o País não tem condições de suportar uma recessão por mais seis meses.

De acordo com o economista, que ontem participou do seminário "A retomada do desenvolvimento/O Brasil na Década de 90", promovido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro e pelo Banco Mundial, as medidas recessivas que foram adotadas são aceitáveis apenas como uma terapia de curto prazo. Na sua avaliação, a falta de uma política de investimentos para o País tem deixado os empresários perplexos, sem rumos definidos, o que agrava ainda mais a queda do nível de atividade econômica.

— Não adianta pedir para os empresários investirem se eles não sabem para onde ir. O plano econômico caminhou para a recessão e este é hoje seu único instrumento para combater a inflação, mas é preciso ter uma proposta de crescimento. O Plano Collor não tem proposta alguma neste sentido, nem de reforma financeira, administrativa ou bancária. É só uma proposta de demolir — afirmou.

Já o Diretor do Instituto Brasileiro



Economista Carlos Lessa

de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas, Julian Chacel, afirmou que é prematuro pensar em crescimento econômico, porque não se pode sair de um processo hiperinflacionário e retomar de imediato o desenvolvimento. Para o Diretor do Ibre, a economia está em fase de transição. Ele não acredita que a apuração de um índice inflacionário mais elevado em maio significa que a inflação é ascendente porque o Governo tem a seu favor uma política monetária restritiva.

Cesar Maia: não há escalada de preços

O Deputado federal César Maia (PDT-RJ) disse ontem que a apuração de um índice de inflação mais elevado em maio não significa uma escalada inflacionária. Segundo ele, numa economia indexada, sempre existe um resíduo de inflação, que está sendo embutido no índice. Para ele, que ontem participou do seminário promovido pela Associação Comercial e o Banco Mundial, o plano de estabilização continua eficaz.

Já o ex-Presidente do Banco Central e economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Carlos Langoni, que participa hoje do seminário, a fase atual do plano econômico é crítica, porque o Governo não pode permitir um novo surto inflacionário. Para Langoni, algumas medidas estão sendo feitas na área monetária, como a elevação das taxas de juros e o relançamento das Letras do Tesouro Nacional (LTNs), mas ainda faltam os ajustes na política fiscal, como o detalhamento do orçamento das estatais e da previdência social.

Langoni afirmou que um plano de estabilização para dar certo precisa consolidar mudanças de expectativas e isso não acontece em apenas dois meses. Por isso, ele acredita que o período de recessão venha a se prolongar até o segundo trimestre do próximo ano.